

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM LIMITAÇÕES SENSORIAIS**

Wanilda Maria Alves Cavalcanti (UNICAP)

O presente trabalho traz parte de pesquisas realizadas no Laboratório de Linguagem, Educação e Organização Sócio-Cultural, do Mestrado em Ciências da Linguagem, com sujeitos surdos, cegos e surdocegos que estão freqüentando a escola e os profissionais que lidam com eles. Desde o ano de 2005, estamos trabalhando em uma linha de investigação voltada para a linguagem de minorias, portanto, destacamos nesse contexto, crianças com limitações na comunicação, no momento em que esse acesso à escola se torna menos penoso, mas nem por isso, com a qualidade que esses grupos necessitam.

O nosso intento, quando buscamos fazer um relato de algumas peculiaridades da aquisição da linguagem de crianças com problemas sensoriais, (surdas, cegas e surdocegas) prende-se ao fato de que não é fácil para profissionais que não possuem uma formação que facilite sua compreensão sobre os problemas decorrentes dessas limitações, atuarem como cada caso pode exigir. Portanto, estamos falando de uma escola e de professores que pertencendo à rede escolar inclusiva, mais cedo ou mais tarde terão contato com essa diversidade de alunos e, precisarão a qualquer momento, de informações que sirvam de base para a proposta de trabalho que deverão desenvolver no sentido de contribuir para que essa aquisição se amplie. A fim de levar a cabo essa perspectiva, o caminho, geralmente, envolve o enfrentamento de obstáculos para apoiar o aluno no seu projeto de aprendizagem.

O desenvolvimento de ações e soluções que se apresentam para problemas do cotidiano, aliadas às inovações que se buscam realizar, geralmente estão embasadas em concepções sobre determinado tema. Essas concepções são frutos de uma história que não se iniciou ali, faz parte de uma herança cultural, dentro do processo histórico do qual estão incluídos crenças e valores de cada indivíduo. Portanto, faz sentido que analisemos as questões apresentadas, considerando essa possibilidade, pois muitas vezes nos vemos diante de propostas ambivalentes ou que não são suficientes para dar conta do que foi planejado. Quando falamos nessa temática podemos nos reportar a adoção de modelos de comunicação, por exemplo, que apesar de adotados não trouxeram consigo a estrutura que os viabilizaria. Nesse sentido, podemos falar no bilingüismo, e/ou comunicações alternativas, como também do emprego do braille, que para sua execução necessitam da presença de outros profissionais e de alguns equipamentos sem os quais diminuem muito as condições de trabalho e o sucesso do aluno. Um outro aspecto que pode ser mencionado, nesse mesmo propósito, é, por exemplo, as concepções adotadas para o ensino de segunda língua que muitas vezes mantêm o padrão tradicional, não mais indicado para esse propósito, em situações de aprendizagem.

Os estudos que realizamos, em nenhum momento pretenderam oferecer soluções. O que esperamos é compor um quadro de reflexões que nos ajudem a superar algumas dificuldades que até o momento não foram minimizadas, e, na medida em que socializemos os nossos achados, outros profissionais poderão também aproveitá-los. Para esse fim, trazemos alguns dos resultados obtidos em trabalhos desenvolvidos nos laboratórios, os quais encontram articulações com o que outros teóricos comentam. As nossas questões, portanto, não diferem muito da de outros estados brasileiros, no entanto, a partir das constatações identificadas nas pesquisas que realizamos, podemos articular com mais segurança o planejamento de nossas intervenções.

Nesse cenário, temos de considerar, inicialmente, que a história da inserção desses grupos na sociedade, é bastante longa, especialmente quando falamos em linguagem e, com ela o aparecimento de problemas, para os quais algumas soluções foram apontadas, embora nem todas puderam ser aproveitadas. A singularidade de cada ser humano não pode ser anulada, ao contrário, deverá determinar que novos objetivos possam ser traçados ao longo do projeto de aprendizagem desse aluno.

Atualmente, é possível afirmar que o pano de fundo onde essas questões se desenrolaram traz a marca da proposta inclusiva. Por esse motivo, é importante que analisemos, por exemplo, o fato de que inclusão de surdos, na sociedade determinou uma série de medidas, que deveriam ter sido viabilizadas, mas que até o momento, não parecem ter se constituído prioridade, especialmente entre os gestores educacionais. Quando falamos em legislação voltada para a atenção a surdos, sabemos

que a Lei nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, já consagrou a obrigatoriedade da circulação da Libras nas escolas, no entanto, entre nós a estrutura necessária não foi devidamente montada. Nesse sentido, observamos que a proposta bilíngüe adotada em nosso país sugere a promoção da aquisição da Libras como primeira língua, e, nesse caso, merece toda a atenção diante dos efeitos positivos que poderão se desdobrar a partir daí (SILVEIRA, 2007).

Queremos ainda, reafirmar que para determinados temas, até o final do século passado não identificávamos muitos trabalhos no campo da Lingüística que tratassem deles considerando a perspectiva da aquisição da linguagem em crianças com problemas sensoriais (oral, sinais e/ou comunicações alternativas). Observa-se que gradativamente, esses estudos começaram a aparecer, e, com eles, a melhoria da compreensão das peculiaridades desse aluno.

Desse modo nota-se que há concordância entre os mais diversos autores de que o processo de aquisição de linguagem de crianças surdas, cegas e surdocegas, apresentam peculiaridades que determinam a necessidades de ações que promovam essas aquisições, como afirmam Quadros (2006, 2007, 2008) Fernandes (1998,2005); Magalhães, (2000); Ochaita (1993); Miles & Riggio (2002), dentre outros. Vale salientar, ao mesmo tempo, que, dada a falta de circulação desse conhecimento nos ambientes educacionais, a atitude geralmente manifestada pelo professor, é desacreditar das reais possibilidades que esses sujeitos com problemas sensoriais possui, chegando a defini-los muitas vezes como incapazes de construir conhecimentos, que podem ser mobilizados a cada momento.

Essa é uma das principais barreiras identificadas, ao longo da participação desse segmento, na sociedade. Passando a inserir o surdo nessa discussão, destacamos o fato de que a maioria deles é filho de pais ouvintes, e, diante das conseqüências dessa filiação nos encontramos face a primeira grande dificuldade. Como afirma Quadros (2006) os surdos possuem uma história lingüística com trajetória distinta, apresentando alterações no processo de aquisição da linguagem. A aquisição da LIBRAS como primeira língua é de suma importância para facilitar o processo de aquisição da segunda língua - escrita e/ou oral. Mas na realidade essa aquisição não ocorre tão facilmente, ao contrário, muitas dificuldades se interpõem nesse processo, geralmente decorrentes do contexto social onde esses sujeitos estão inseridos.

Os estudos já realizados evidenciam que os seres humanos balbuciam naturalmente, tanto na modalidade oral, quanto na sinalizada (Quadros, 2006, Rinaldi, 2000). O fato de surdos não desenvolverem a língua oral e ouvintes não desenvolverem a língua sinalizada, pode ser explicada, dentre outros fatores, pelo fato de não estarem expostos a elas. No caso dos surdos o impedimento sensorial dificulta o acesso às línguas orais, e no caso dos ouvintes não vai existir acesso à comunicação por sinais de forma natural. Esse fato nos leva a uma constatação óbvia, como igualmente óbvia deveria se considerar que o balbucio, nas duas modalidades lingüísticas é comum a surdos e ouvintes. Esse dado possibilita diversas interpretações, especialmente pelo desconhecimento por parte dos profissionais em geral, sobre essas peculiaridades.

A todo momento, percebemos que a história lingüística do grupo traz as marcas da dificuldade que significa ser surdo filho de pais ouvintes, como mencionamos anteriormente, em uma sociedade onde existem reduzidas condições para que esse trabalho seja realizado. Essa criança fica numa situação desconfortável, pois os encaminhamentos não viabilizam uma proposta clara que pode ser acompanhada devidamente.

Nesse sentido, em se tratando da surdez sabe-se que a Libras é fundamental para subsidiar a aquisição de uma segunda língua, mas poucas pessoas a dominam, e, do mesmo modo, as crianças surdas, apesar de terem pais ouvintes, dificilmente poderão adquirir uma língua oral, sem auxílio de um profissional. Ao mesmo tempo, esses pais, geralmente não são informados do que seria necessário para que seu filho pudesse ser um falante de uma língua de sinais, e, nem esperam que o acesso a ela possa trazer mais benefícios aos surdos em suas interações com o mundo. Por esse motivo, cria-se na trajetória de aquisição da linguagem do surdo, uma lacuna que termina por dificultar o acesso a qualquer que seja a língua.

Sabemos que do mesmo modo que o desconhecimento do que ocorre com o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem do surdo, pode ocorrer com o cego. Nesse caso, entendemos que muitas das dificuldades que acontecem nesse percurso, certamente se reverterão em atraso na aquisição da língua oral, embora tenha audição íntegra. No entanto, as interações e o estabelecimento de significados compartilhados com os adultos catalizadores deste processo, geralmente não ocorrem de forma natural. Magalhães (2000) e Ochaita (1993) destacam que a

capacidade de comunicação do bebê cego deve apoiar-se na sensibilidade dos pais para interpretar as condutas da criança, outorgar significado às suas reações, estabelecendo os ciclos de interação (protoconversações). Esse fato foi possível identificar nas observações que realizamos.

Nesse contexto, os adultos devem aprender a identificar as condutas pré-figuradas alternativas que o bebê possui, a fim de que possam dirigir as primeiras interações e empreender o trabalho de codificação e atribuição de intencionalidade aos comportamentos do bebê. Nesse sentido, eles explicam que a construção de significados e a capacidade de atenção conjunta formam a sustentação para o aparecimento da linguagem, trazendo novos ingredientes para aqueles que atuam junto ao cego. Adotando essa conduta as famílias poderão contribuir significativamente para diminuir alguns dos efeitos que essa limitação poderá trazer para essa criança. Portanto, antes de chegar à escola, os pais deveriam ter sido informados de como proceder a fim de evitar tantos transtornos na aquisição da comunicação. Geralmente, motivadas pela dor, essas mães começam a evitar a interação que se desenvolve com essas crianças, pois o olhar representa um elemento primordial para alimentar essa relação. Não dispondo dessa condição, a criança cega parece não reagir adequadamente à presença da mãe. Ela por sua vez começa a conceber uma rejeição por parte do filho. Os obstáculos decorrentes desse possível afastamento repercutirão na elaboração da linguagem que apresenta a marca do isolamento que essa criança começa a sentir. Nossos achados, reafirmam essas condutas das mães, e, do mesmo modo identificamos as repercussões desses comportamentos nos filhos. Registramos também que a falta de recursos – humanos e materiais- muitas vezes poderão determinar o futuro do trabalho que está sendo desenvolvido, no ambiente que freqüentamos. No entanto, temos de considerar que um país como o nosso, de dimensões continentais e sem que os sistemas educacionais possuam as melhores condições, algumas dessas lacunas, de fato, podem ocorrer.

Nos ambientes social e escolar, a situação vivida pelo surdocego reveste-se de mais complexidade ainda, especialmente porque os dois dos canais sensoriais mais importantes para a aquisição da comunicação, estão comprometidos. A par disso, vale ressaltar que ainda é bastante reduzido o grupo de profissionais e pais envolvidos com a temática, dificultando não apenas o acesso dessas crianças aos bens que a sociedade oferece, como também, às proposições decorrentes de novas investigações, que poderiam compor suas intervenções.

Tradicionalmente o surdocego foi visto como alguém que possui duas dificuldades sensoriais independentes e, nas últimas décadas, os estudos mostraram que apesar delas existirem, elas funcionam como única, trazendo para essa criança uma característica especial.

“As crianças que tem deficiências auditivas e visuais e cuja combinação resulta em problemas tão severos de comunicação e outros problemas de desenvolvimento e educação que elas não podem ser integradas em programas especiais exclusivos para deficientes auditivos ou visuais.” (Center and services for Deaf-blind Children, 1973 apud GARCIA, 2008, p. 93).

Quando a visão e audição estão gravemente comprometidas, os problemas relacionados com a aprendizagem dos comportamentos socialmente aceitos e a adaptação ao meio, segundo Miles & Riggio (1999), se multiplicam. A ausência dessas percepções limita a vida dessa criança na antecipação do que vai ocorrer a sua volta. O entendimento manifestado pela maioria dos profissionais, mostra uma posição tradicional, não considerando o principal argumento que deve revisar os atendimentos, ou seja: o surdocego não é um surdo que não vê ou um cego que não ouve, é uma pessoa com características próprias.

Como resultado da privação da audição e da visão, a motivação dessa criança para explorar o mundo se reduz substancialmente, especialmente porque vai se limitando ao que está ao alcance de sua mão. Portanto, desde uma idade precoce essas crianças precisam ter oportunidades de interação com o mundo. Essas interações entre crianças, familiares e a comunidade dão a ela o conhecimento sobre a existência de pessoas, ambientes, fornecendo-lhe informação sobre o que ela pode fazer nesses contextos, cria as bases para o desenvolvimento da auto-estima e da segurança. Algumas estratégias podem apoiar o aprendizado do surdocego, e, dentre elas está a antecipação que deve considerar todos os aspectos da interação com essa criança ( BEZERRA e CAVALCANTI, 2008). Essa constatação implica em um planejamento que torne possível a ele vencer o isolamento a que pode estar submetido, superando o desafio que representa motivar-se para participar de experiências externas. Portanto, as pesquisas realizadas em Recife, até o momento sempre trouxeram a marca da “falta”, apesar dos

esforços para melhorar os atendimentos, embora se presencie um crescimento de ações voltadas para esses serviços.

No momento, ainda não existe consenso quando falamos da inserção de crianças com necessidades educacionais em escolas especiais ou em salas inclusivas. É evidente que cada um dos modelos propostos para essa inserção escolar, apresenta aspectos positivos e negativos, no entanto adotar a inclusão radical, dentro de um sistema educacional como o nosso, ainda carente de muitos reforços, pode não alcançar os fins a que se propuseram. O ensino de baixa qualidade e o subsistema do ensino especial, desvinculado e justaposto ao regular (Mantoan, 2009), podem representar a grande ameaça a consecução dos objetivos que foram planejados.

No conjunto dessas considerações esperamos compreender cada vez melhor as dificuldades que contornam a aquisição da comunicação de pessoas com surdez, cegueira e surdocegueira que seguramente não devem passar unicamente pela oralidade, ao contrário, dispomos de uma gama de possibilidades que podem ser trabalhadas a fim de que essas crianças consigam expressar seu pensamento e entender as manifestações do outro.

Diante da diversidade que procuramos relacionar, uma questão é comum, ou seja, o atraso no processo de aquisição de uma língua, embora especificamente, para o caso do surdocego, ele não terá que se manifestar pelo código naturalmente empregado pelos ouvintes ou surdos e, sim por códigos não verbais distintos.

Segundo Garcia (2008), *“É difícil acreditar que uma pessoa sem nossas experiências poderia supor a surdocegueira com características de igualdade, honestidade...”* Parece que o importante é entender que possibilitar a manifestação do pensamento de cada um, deve representar um grande objetivo a ser alcançado, a partir da escola. E, nesse caso, pensar que os profissionais motivados pela compreensão dos processos de aquisição da linguagem, poderão trabalhar de forma mais clara, em busca da qualidade das construções dos alunos.

Em síntese não podemos reduzir a uma única opção a tendência de levar esses sujeitos para a escola de forma pouco planejada, ou ainda de utilizar uma única tendência para que ele possa desenvolver o processo de comunicação, pois a situação de cada um deve ser levada em consideração. E, quando falamos em linguagem, mais uma vez parece que nos vemos diante de opostos, *da lógica do binarismo* (Dorziat, 2009,p.88.), que deve ser desmontada para que novas práticas sejam instituídas.

Dentro dessa perspectiva devemos alimentar nossas intervenções a partir do conhecimento que estamos construindo dos alunos, e sua singularidade. Aqui não se trata de desmistificar a existência de códigos já consagrados, mas contribuir para compreensão de que a comunicação poderá ser concretizada de outras formas. O importante é evitar a ausência dela.

## REFERÊNCIAS

- BEZERRA, L. C. CAVALCANTI, W.M.A. **Perspectivas de Intervenção Educacional de Alunos Surdocegos, que Contribuem para a Inclusão Escolar.** Anais do IV Congresso Internacional em Avaliação Educacional. Fortaleza -CE : Universidade Federal do Ceará -UFC, 2008.
- DORZIAT, A. **O outro da educação.** Petrópolis: Vozes, 2009.
- FERNANDES, E. **Surdez e Bilingüismo.** Porto Alegre: Mediação, 2005.
- GARCIA, A. **Surdocegueira:empírica e científica.**Rio Grande do Sul:Gráfica –A Notícia, 2008.
- MAGALHÃES, M.O. **Interação Social, Comunicação e Linguagem em Crianças Cegas.** Revista Brasileira de Fonoaudiologia, São Paulo. Ano 4-nº 6-jun/2000.
- MANTOAN, M. T. E. (Org.). **O desafio das diferenças nas escolas.** Petrópolis / RJ: Vozes, 2008. v. 1.
- MILES, B. & RIGGIO, M. **Desenvolvimento básico das formas de linguagem.** Trad. M<sup>a</sup> Inês Petersen. Massachussets: Parking Scholl for the Blind, 1999.
- OCHAITA, E. y ROSA, A. **Psicología de la Ceguera.** Madrid: Alianza Editorial, 1993.
- QUADROS, R. e SCHMIEDT, M.L.P. **Idéias para ensinar português a alunos surdos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.
- SILVEIRA, F.A.T. C. **Narrativas de professores de ensino superior sobre o uso da língua portuguesa escrita por surdos..** Dissertação de Mestrado, UNICAP, 2007.